

ITAPARICA NAS CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO: LUGARES E EXPERIÊNCIAS

Ronaldo Santos Costa Junior ¹
Jussara Fraga Portugal ²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apreender os modos como o escritor João Ubaldo Ribeiro concebe os lugares da cidade de Itaparica como cenários das histórias narradas, considerando as formas de ser e estar no mundo e as suas possibilidades existenciais. Para tanto, é analisada a crônica “O escritor da cidade”, a qual compõem a obra *De Itaparica ao Leblon* (Ribeiro, 2011). Suas narrativas sobre lugares e experiências são representações da geograficidade e espacialidade sua e dos nativos, cujas histórias são ambientadas em Itaparica, município do estado da Bahia, localizado na Ilha de Itaparica, na Baía de Todos-os-Santos. Assim, ao investigar os modos como o escritor narra o espaço, Ubaldo apresenta os sujeitos e descreve as suas vivências, revela formas de existir, pois são elaborações literárias compreendidas como escrituras de mundo, engloba histórias de vida e permite aos leitores ressonância e reflexão sobre os lugares narrados e da própria condição vivente. Desse modo, suas escrituras sobre os lugares vividos e experienciados representam cenários de sua trajetória de vida e simbolizam o ser e estar no mundo, sua geograficidade, sua autoficção, pois Itaparica reflete a sua existência. Portanto, refletir o lugar enquanto circunstancialidade e o mundo em narrativas literárias simboliza uma aproximação do mais íntimo e significativo mediante a visão do escritor, pois grafa afetividade, pertencimento e alteridade. Essa forma de revelar a experiência geográfica tem sua repercussão nos estudos geográficos e, assim, é pertinente afirmar as potencialidades da interface Geografia e Literatura.

Palavras-chave: geografias literárias, crônicas, lugares, cotidianos, experiências.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand the ways in which the writer João Ubaldo Ribeiro conceives the places in the city of Itaparica as settings for the stories narrated, considering the ways of being in the world and their existential possibilities. To this end, the chronicle “The city writer”, which makes up the work *De Itaparica ao Leblon* (RIBEIRO, 2011), is analyzed. Their narratives about places, experiences and daily lives are representations of the geography and spatiality of the natives and theirs, whose stories are set in Itaparica, a municipality in the state of Bahia, located on the Island of Itaparica, in Baía de Todos os Santos. Thus, when investigating the ways in which the writer narrates the space, presents the subjects and describes their experiences, they reveal ways of existing, as they are literary elaborations

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet) / Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores, costaronaldo@outlook.com.br.

² Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet). Líder do Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores jportugal@uneb.br / jfragaportugal@yahoo.com.br.



understood as world writings, encompass life stories and allow readers to resonate and reflect on the narrated places and the living condition itself. In this way, his writings about the places he lived and experienced represent scenarios of his life trajectory and symbolize being in the world, his geographicity, his autofiction, as Itaparica reflects his existence. Therefore, reflecting the place as a circumstantiality and the world in literary narratives symbolizes an approximation of the most intimate and significant through the writer's vision, as it conveys affection, belonging and otherness. This way of revealing the geographic experience has its repercussions in geographic studies and, therefore, it is pertinent to affirm the potential of the Geography and Literature interface.

Keywords: literary geographies, chronicles, places, daily life, experiences.

Modéstia à parte, não sou pessoa desimportante aqui na ilha de Itaparica. Tratam-me com deferência e cordialidade, afinal sou o escritor da terra.
(Ribeiro, 2011, p. 14).

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O escritor João Ubaldo Ribeiro, nasceu em Itaparica, município cercado pela Baía de Todos-os-Santos, uma cidade que foi concebida como um dos principais cenários das suas histórias imortalizadas nas crônicas. Para esse cronista, um lugar que revela afetividade e pertencimento. O cronista, imortal membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), construiu uma produção literária ampla, entre essas obras, crônicas escritas mediante as situações experienciadas cotidianamente nos lugares da sua cidade natal.

As vivências entrelaçadas com a imaginação possibilitaram ao escritor criar histórias que retratam a vida cotidiana nessa pequena cidade baiana, dando uma áurea sensível e com menos aridez aos modos de apropriação dos espaços da vida (Sousa, 2015). Memórias das experiências decorrentes das circunstâncias vivenciadas no dia a dia, grafadas entre as linhas, simbolizando existência, símbolos, sentidos, identidades e alteridades, demarcando as distintas territorialidades de pequenos grupos: marisqueiras, pescadores, prostitutas e entre outros, marcados pela temporalidade, simbolizando a geograficidade enquanto ser vivente na terra (Dias, 2020). O ato de rememorar eleva a reflexão da condição humana, pois o sujeito que narra a sua experiência no mundo anuncia-se a ele, e permite sua autorreflexão (Meyreles, 2013).

Desse modo, intencionamos neste texto refletir sobre os modos como Ubaldo se apropria dos lugares de Itaparica e da sua condição de ser itaparicano para compor as suas narrativas literárias. Os enredos das histórias narradas comportam descrições sobre os cenários e os personagens da narração, cujos temas transversalizam os modos de existir, sob o olhar atento



do escritor. Assim indagamos: mediante o modo de narrar e de descrever situações/fatos/experiências e personagens que compõem as narrativas das crônicas, como o escritor baiano, João Ubaldo Ribeiro, representa os espaços da vida e as situações experienciadas em Itaparica?

A literatura, conforme destacam Marandola Júnior e Oliveira (2009, p. 493), mais do que uma arte, “[...] é entendida aqui como complemento ou como fonte de informações (descrições e representações) do espaço”. E a cidade, segundo Meireles e Portugal (2012, p. 26), é concebida como

[...] o lugar escolhido pelos literatos, por excelência, para ambientar suas histórias; uma maneira de imortalizar o amor por sua terra natal, ou, simplesmente, uma forma de registro sobre a cidade escolhida para viver e produzir a vida, [...], manifestações expressas por diversos escritores: Carlos Drummond de Andrade – Itabira/MG; Charles Dickens – Londres; Cora Coralina – Cidade de Goiás/GO; Eça de Queiroz – Lisboa; Fiódor Dostoiévski – São Petersburgo; Honoré de Balzac – Paris; Mário Quintana e Luís Fernando Veríssimo – Porto Alegre/RS; Vinícius de Moraes – Rio de Janeiro/RJ; Manuel Bandeira – Recife/ PE; João Cabral de Melo Neto – Recife e Sevilha, dentre outros [...].

Nesta escrita, por meio da análise de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro, intentamos abordar as dimensões de lugar e experiência, tendo como aporte teórico os estudos de Marandola Júnior e Oliveira (2009), Relph (2014, 1979), Sousa (2015), Dardel (2015), Marandola Júnior (2021) e Tuan (2018, 1983), tendo em vista apreender os modos como o Ubaldo concebe a cidade de Itaparica como cenário das histórias narradas, considerando as formas de ser e de estar no mundo e as suas possibilidades existenciais.

Conforme já sinalizado, a tessitura desta escrita está ancorada na análise da crônica “O escritor da cidade”, a qual compõem a obra *De Itaparica ao Leblon* (Ribeiro, 2011). Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada “‘De Itaparica ao Leblon’: lugares, cotidianos e experiências nas crônicas ubaldianas”³, cujo objetivo é buscar compreender as narrativas do/no e sobre os cotidianos de Itaparica e do Leblon retratados nas crônicas ubaldianas e, assim, apreender o modo como João Ubaldo Ribeiro concebe os lugares, os quais se apresentam como cenários das vivências cotidianas experienciadas e narradas pelo escritor.

³ Essa investigação, em andamento, compõe a pesquisa-âncora “Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, memórias e narrativas” e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet) da UNEB e ao grupo de pesquisa Geo(BIO)grafar: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores. Financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



A crônica “O escritor da cidade” é analisada considerando as dimensões temáticas demarcadas – lugar e experiências –, tendo em vista apreender a geograficidade que emerge das elaborações literárias de João Ubaldo Ribeiro.

POR UMA GEOGRAFIA VIVIDA

Apreender os modos como o escritor João Ubaldo Ribeiro narra lugares, experiências, paisagens e cotidianos da vida na ensolarada Itaparica (BA) é o que nos move na escrita deste artigo.

Uma pesquisa que se inclina para compreensão dos espaços vividos, para experiência dos seres no mundo, baseia-se nos princípios do método fenomenológico, busca investigar a experiência enquanto prática da existência. De fato, “o objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura integral da experiência vivida, os significados que essa experiência tem para os indivíduos que a vivenciam” (Nascimento; Costa, 2016, p. 45). Por esse fato, perscrutamos as geografias vividas de Ubaldo via as narrativas presentes na crônica, enfatizando a relevância das escrituras por comportar descrições dos lugares e das pessoas. Para Serpa (2019, p. 22), ancorar uma análise nesse princípio é a “[...] concepção de uma Geografia vivida e uma geograficidade humana que se expressa através da experiência e da ação dos seres no mundo”.

O diálogo entre a Geografia e Literatura está fundamentado nos princípios da Geografia Humanista, a dimensão da experiência nos lugares vividos pelos escritores e especificamente por João Ubaldo Ribeiro contribui para compreensão da literatura enquanto linguagem. Com base no princípio dardediano de uma ciência que observa, o homem em sua relação visceral com a terra, expressando amor com o solo, e o lugar, redirecionando assim para novos sentidos.

Em Ubaldo, memórias e afetos constroem os espaços narrados pelo escritor. Estar na ilha simboliza a própria existência no mundo, um refúgio, na medida em que revela o ser situado em um lugar repleto de vulnerabilidade, circunstancialidade que atravessa a condição de estar em Itaparica, em um momento símbolo e afetivo, e perpetua, em suas crônicas, o vivido, o experienciado e o observado do/sobre o povo itaparicano. Nessa perspectiva, Dardel (2015, p. 2) aponta que “[...] amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino”.



Com base na geograficidade que emerge da narrativa, ao transcender energia, sensações e a própria experiência no mundo, em consórcio com a Geografia, considera-se o lugar *locus* das relações que o ser tem com o mundo, e onde revela-se e anuncia-se. Assim, “[...] permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica” (Marandola Júnior, 2015, p. 12).

A capacidade dos escritores de apresentar em narrativas o vivido em uma determinada temporalidade, a geograficidade, a espacialidade e a correlação dos espaços que compõem a narrativa com a do leitor é uma possibilidade de ver o mundo de forma ampliada e revelar e criar perspectivas de mundos (Marandola Júnior; Oliveira, 2009). Romances como *Lucíola*, *Senhora*, *Cinco minutos* e *A viuvinha*, e *Helena* evidenciam espaços urbanos e demarcam dimensões e fenômenos sociais, econômicos e culturais de uma determinada época. Essas leituras permitem abrir o olhar para o mundo circundante, ou seja, o mundo para o leitor compreender o seu hoje por meio da narrativa de ontem, experienciar o pretérito navegando o presente. Por sua vez, “[...] investigar a experiência humana também implica perscrutar sua ‘existência’, uma vez que essa é anterior e condição sem a qual não há experiência” (Marandola Júnior, 2005, p. 50). Debruçar em narrativa literárias em busca da compressão da experiência humana nos lugares simboliza aproximações simbólicas, afetivas e existenciais.

As escrituras sobre os lugares vividos e experienciados por esse cronista revelam cenários de sua trajetória de vida e simbolizam o ser-e-estar-no-mundo, sua geograficidade, sua autoficção, pois Itaparica reflete a sua existência.

Para Oliveira (2014, p. 15), “[...] as dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações”. Sobre essa questão, Dardel (2015, p. 41, grifos do autor) sinaliza sua concepção na conectividade homem-terra:

Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o ‘lar’, o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isto é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade [...]. Todo homem tem seu país e sua perspectiva terrestre própria.

A ligação que o escritor tem com os lugares e os contextos de Itaparica se reverberam nas maneiras de ser-no-mundo, as quais comportam situações vivenciadas. E, assim, descreve mundos vividos, experiências cotidianas, paisagens e narra a geografia vivida nos espaços da cidade.



A crônica, enquanto meio de retratar o ser-e-estar-no-mundo do escritor, demarca observações, anseios, lugares, paisagens e relação com a terra – a geograficidade. Trata-se de um gênero literário que contém elementos significantes para a investigação da condição humana e a experiência dos seres em situação.

Sua composição emerge da experiência do escritor no mundo, com um toque de ficcionalidade, ou seja, seu imaginário adoça os escritos, reinventando acontecimentos que são tecidos nas narrativas. Porém, o artefato primordial na construção das crônicas, objeto de estudo, são as situações cotidianas, que dão às narrativas o meio pelo qual podemos nos debruçar na geografia vivida por João Ubaldo Ribeiro em Itaparica. Sua autoficção dá vida ao que foi vivido e observado, reinventa, os elementos apreendidos cotidianamente estão presentes fortemente nas suas crônicas.

A crônica de Ubaldo é uma autoficção, pois são identificados elementos de sua história de vida, muito dos seus personagens não são anônimos, os lugares onde são ambientadas as histórias narradas foram experienciados pelo escritor, reinventados os casos e situações, mediante a sua imaginação, sarcasmo e ironia, uma característica singular de suas crônicas, ancorada na perspectiva da autoficção, o que seria, para Gonçalves (2020, p. 30), a capacidade do escritor

[...] cria e recria histórias e personagens que se alimentam da realidade e a crítica discute a elaboração desses personagens imaginários, que não são inteiramente imaginários, já que o próprio escritor lhes dá uma escrita, uma vida. Esse escritor também não faz o que os personagens fazem; algumas vezes ele realiza o texto a partir do desejo por aquela ou outra realidade, [...] buscando analisá-la sob uma nova perspectiva capaz de gerar novas experiências e novas identificações acerca do sujeito por trás desta escrita, valorizando a compreensão e a fragmentação desse escritor/autor/narrador.

É necessário dizer que os vestígios de realidade retratada nas histórias narradas pelo escritor não concentram a vida na sua totalidade, o que se faz é uma discussão das circunstâncias que ocorrem nos espaços de vivência, em que o cronista capta o que é significativo para ser abordado e reinventado, o que dá à narrativa o cunho autoficcional.

O fato é que os enredos que entrelaçavam as histórias dos romances emergiam de sua memória, das vivências e intenções, o lugar que o escritor narra foi espacializado, foi vivido na sua temporalidade, haja vista que muitos desses entrecos foram experienciados objetivamente ou subjetivamente, pois são retratados, em muitas das suas narrativas, como um lugar próximo, afetivo e simbólico, que serve de cenário para suas tramas.

Outros tantos escritores também contemplam geografias vividas em suas obras, abordam temáticas inerentes à experiência humana, simbolizando a conexão homem-Terra, vinculam a descrição das paisagens à condição humana, uma vez que as histórias são ambientadas em lugares significativos para os escritores. Desse modo, Jorge Amado, em *O país do Carnaval, Suor e cacau*, e mais à frente em *Terras do sem-fim*, apropria-se da condição social, política e econômica vivida em um recorte temporal e espacial, especificamente 1920, no estado da Bahia, no eixo Ilhéus-Itabuna, no qual experienciava a expansão do cultivo do cacau, o ouro preto, a exportação dos grãos que enchia os bolsos dos coronéis produtores e as panças de seus filhos, gerações por gerações.

Ilhéus e Itabuna estão em Jorge Amado. As ondas do sul da Bahia que morrem na praia bateram em seus pés; bares e bordéis foram atravessados em seus itinerários. Esses lugares de Amado também são perpetuados e ambientados em *Gabriela cravo e canela*, de modo que outros tantos lugares significativos para o escritor se tornaram cenários de suas narrativas.

Nesse sentido, Olanda e Almeida (2008, p. 8) sinalizam a potencialidade de perscrutar as escrituras de mundo que emergem das narrativas, ao apontar que:

[...] nessa acepção, reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de determinado lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana.

Ao aproximarmos-nos dos modos de existir retratados em narrativas literárias, ligamo-nos visceralmente às experiências das pessoas no mundo. Aquilo que é narrado pelo escritor paira sua existência na terra, mina das memórias e lembranças afetivas que causaram marcas que foram estabelecidas nos encontros e nos desencontros da vida (Dias, 2020), que demarcam também percursos que deixam trilhas entre os movimentos da cotidianidade ao estar em um lugar simbólico.

A CRÔNICA “O ESCRITOR DA CIDADE”: GEOGRÁFICA LEITURA

Os lugares que são retratados e ambientam as histórias narradas na crônica “O escritor da cidade” pertencem à sede do município de Itaparica (Figura 1), localizado no estado da Bahia, no Brasil. Segundo dados do Censo do IBGE (2022), apresenta uma área total de 121,373km², com população total de 19.789 habitantes. São Municípios limítrofes: Vera Cruz, Salinas da Margarida e Salvador.



Figura 1 – Mapa de localização do Município de Itaparica (BA)

Fonte: elaborada por Efigênia Silva (2023) com base em IBGE (2023).

A Itaparica retratada por Ubaldo é zona urbana do município. Lugar onde são instituídas as relações entre as pessoas, onde conflui símbolos, identidades e saberes. A cidade na crônica configura-se em um espaço de constituição das experiências com as pessoas nos lugares que compõem o acervo paisagístico da cidade. Nessa perspectiva, Duarte e Portugal (2023, p. 112) apontam:

[...] é nesse espaço urbano que os sujeitos constroem suas histórias de vida e, [...] por conseguinte, as histórias dos lugares, guardando na memória as histórias de si, da família, dos grupos nos quais estiveram e/ou estão inseridos nos seus diversos tempos e contextos sociais.

Assim, no enxerto a seguir, Ubaldo revela como no bar de Espanha (Figura 2) conversas e histórias fluem e atribuem assim o *status* de lugar. Lá os nativos inventam e relacionam-se atribuindo significado, a partir do modo como os sujeitos estabelecem maneiras de ser no lugar: “como indivíduos e membros de comunidades, nos conectamos com o mundo por meio de lugares que geralmente possuem nomes ou uma identidade específica [...]” (Relph, 2014, p. 22).

E lá vamos nós durante algumas horas e termino não sabendo direito o que foi que finado lalinho fez. Mas aplaudo a história, observo os lanches mais emocionantes, elogio a habilidade da narração, prometo escrever tudo na primeira oportunidade. Ele sai satisfeíttissimo, vai para o bar de Espanha anunciar e comemorar a parceria, embora



eu duvide que alguém lá queira ouvir a história. O Pessoal do bar de Espanha não presta atenção a nada, só quando é discurso. Tudo isso, como disse, faz parte das naturais obrigações do escritor da cidade (Ribeiro, 2011, p. 17).



Figura 2 – Bar de Espanha, Itaparica (BA)

Fonte: produzida por Andreia Santos da Silva (2023).

O fragmento demonstra que os nativos e os frequentadores do bar se interessam majoritariamente em discursos, é nesse lugar que acontecem as situações que têm a repercussão em toda ilha, ou onde os fatos que acontecem na cidade são comentados pelos nativos. Isso que é construído no lugar, o significativo, e transcende pertencimento, é mediante as possibilidades de existir que implicam experiências no/do/sobre as pessoas com seu lugar. Nesse sentido, Tuan (2018, p. 6) aponta:

A experiência constrói o lugar em diferentes escalas. A lareira e o lar são lugares. Vizinhança, cidade e metrópole são lugares; uma região específica é um lugar e assim é uma nação. É de conhecimento comum a aplicação da palavra ‘lugar’ a fenômenos que diferem grandiosamente em tamanho e em características físicas. O que a lareira, a farmácia da esquina, a cidade e o estado-nação têm em comum? São todos centros de significado para indivíduos e grupos.

Por sua vez, no enxerto a seguir contempla-se o sentido de lugar, ao exaltar “[...] uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar” (Tuan, 1983, p. 10).

Modéstia à parte, não sou pessoa desimportante aqui na ilha de Itaparica. Tratam me com deferência e cordialidade, afinal sou o escritor da terra. Isto, em contrapartida,



acarreta naturais obrigações para com a coletividade. Algumas são genéricas, tais como assinar a lista para a festa de São Lourenço, ou jogar um dinheirinho no pano que os meninos levam pela cidade na frente da bandinha, para ajudar a Irmandade. Outras são específicas, como a de escrever e redigir. Não é tão simples quanto vocês podem estar pensando, pelo contrário, é altamente complexo. Por exemplo, outro dia Luiz Cuiúba estava discutindo no mercado sobre quem conhecia mais marcas de peixe, se era ele ou se era Ioiô Saldanha. A coisa esquentou, surgiram graves divergências quanto a nomes já mencionados e a solução foi me convidarem para sentar à mesa do mingau e escrever os nomes de peixes, inclusive os que eu tinha certeza de que eles iam inventar. Recusei-me mas decepcionei, embora tenha alegado que precisava ir para casa trabalhar (Ribeiro, 2011, p. 14).

O escritor, ao sinalizar que não é uma pessoa sem importância na cidade, já enfatiza sua relação com a terra natal e as relações construídas com os cidadãos. Essa conexão que une o escritor aos lugares da cidade demarca nitidamente como as experiências dão sentido ao lugar, e ao mesmo tempo permite a Ubaldo revelar-se ao mundo a partir de seu lugar – Itaparica.

Sempre em contramão à diáspora, lugar esse que sempre o escritor vinha passar as férias, rever os amigos e estabelecer a relação com o lugar, o qual possibilita o acervo memorialístico para compor suas histórias. Ubaldo nasceu em Itaparica, cresceu na capital de Sergipe, e viveu até sua morte no Rio de Janeiro, especificamente, no bairro do Leblon.

O retornar de Ubaldo à sua terra dá ao escritor o reencontro com aquilo que é realmente afetivo e simbólico, pois o escritor percorria e estabelecia experiências em outros lugares, um deles é o Leblon, porém o seu repouso tem um nome: Itaparica. Retorna à sua cidade para rever os amigos, como por exemplo, Luiz Cuiúba, para lembrar situações, causos, e perambular os espaços que quando criança percorria; ele revela sua conectividade com o lugar e as pessoas.

No fragmento anterior, João Ubaldo apresenta-se como narrador, em uma narrativa autoficcional, discorre em acontecimentos, o fato de estar afastado do seu lugar, da sua gente, e dos modos que contribuíram para sua forma de ser e estar no mundo. Podemos destacar que o lugar revela sentidos e afetos: “quando são positivas e agradáveis, elas são experiências de topofilia, mas quando são repulsivas, desagradáveis e negativas elas são experiências topofóbicas” (Relph, 1979, p. 19).

A crônica “O escritor da cidade” retrata o papel do escritor em observar a dinâmica cotidiana da cidade, a matéria-prima das suas escritas, e a forma como o povo de Itaparica ver o seu mais ilustre morador, qual seja: João Ubaldo Ribeiro. Essa observação que os escritores têm sobre as formas de ser e de estar no mundo, e da experiência sensível (Santana Filho, 2020), é um caminho que possibilita abrir mundos aos leitores, é uma forma de representar a geografia



dos lugares e das pessoas, e de cruzar mundos vividos e maneiras outras de existir em narrativas literárias.

NOTAS (IN)CONCLUSIVAS

As crônicas, enquanto textos que comportam elementos dos cotidianos, apresentam a visão de mundo do escritor sobre os fatos narrados. Essa representação tem sua repercussão nos estudos geográficos e, assim, é pertinente afirmar as potencialidades da interface Geografia e Literatura.

A leitura e a interpretação das narrativas que compõem as crônicas “O escritor da cidade” reafirmam a concepção da geografia vivida nos lugares e os cotidianos de Itaparica, ao valorizarem as experiências dos seus moradores e os seus modos de vida.

João Ubaldo Ribeiro, ao percorrer as ruas e experienciar os lugares da sua cidade natal, apropriou-se das narrativas, das vivências e das experiências dos itaparicanos e grafou outras tantas histórias nas suas escritas, as quais colocam em evidência práticas socioculturais e espaciais em um pedaço do território da Bahia.

Com isso, o caminho a ser trilhado é a busca do mais intimado e significativo que a crônica pode transmitir, não tencionamos a busca somente das categorias preestabelecida, e sim o que emerge a partir da sensibilidade do olhar e da imaginação da leitura – a ressonância e a repercussão (Bachelard, 1998), pois a pretensão é elevar a reflexão dos elementos que são construídos através do cotidiano a outro patamar interpretativo, tendo as narrativas de Ubaldo como alicerce para compreender por uma ótica representativa os espaços vividos, as escrituras de mundo, os lugares, os cotidianos e os desdobramentos que essas dimensões permitem, a noção de pertencimento dos seres-no-mundo. Ubaldo possui o dom de narrar sobre os lugares e o seu lugar, descrever paisagens, cidades, relações experienciais e essa característica possibilita estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento, construindo-se novos direcionamentos, interpretações conceituais e concepções.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.



DIAS, J. M. T. A geofraficidade por meio da narrativa e memórias de múltiplos tempos e lugares. *In*: PORTUGAL, J. F. (org.). **Geografias literárias**: escritos, diálogos e narrativas. Salvador: Edufba, 2020. p. 125-144.

DUARTE, D. R.; PORTUGAL, J. F. Narrativa de Idosos sobre a cidade e os seus lugares. *In*: COELHO NETO, A. S.; BAITZ, E. de O. F.; PORTUGAL, J. F. (org.). **Leituras territoriais**: ambiente, cidade, educação. Goiânia: Alfa comunicação, 2023. p. 111-132.

GONÇALVES, D. S. C. **“Deixem que eu fale por mim”**: autoficção na crônica de João Ubaldo Ribeiro. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

IBGE. **Censo brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrjijKJcFFl1zguZSbz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1699864842/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.ibge.gov.br%2fcidades-estados%2fba%2fitaparica.html/RK=2/RS=55ncVY4CYqPsKecBuf_gmABQYMA. Acesso em: 3 out. 2023.

IBGE. **Cidades e estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=Awrigu2jbFFlBYsuXenz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1699863844/RO=10/RU=https%3a%2f%2fcidades.ibge.gov.br%2f/RK=2/RS=fh2JYGshRIIbKEakB._1Y0cZ1Xw-. Acesso em: 17 out. 2023.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3332/333260064003.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2023.

MARANDOLA JÚNIOR, E. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.

MARANDOLA JÚNIOR, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; OLIVEIRA, L. Geofraficidade e Espacialidade na Literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/4795/3949>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MEIRELES, M. M. de. **Macabéas às avessas**: trajetórias de professoras de Geografia da cidade na roça – narrativas sobre docência e escolas rurais. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

MEIRELES, M. M. de; PORTUGAL, J. F. Entre textos, imagens e canções: a “Cidade da Bahia” e suas geografias. *In*: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. (org.). **Cartografia**,

cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia. Curitiba: CRV, 2012. p. 19-40.

NASCIMENTO, T. do; COSTA, B. P. da. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Campo Grande, v. 20, n. 3, p. 43-50, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/20152/pdf>. Acesso em: 5 out. 2021.

OLANDA, D. A. M.; ALMEIDA, M. G. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7>. Acesso em: 25 jan. 2023.

OLIVEIRA, L. de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JÚNIOR; E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 3-16.

PORTUGAL, J. F. As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: Geografia, Literatura e Autobiografia. In: PORTUGAL, J. F. (org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas.** Salvador: EDUFBA, 2020, p. 23-57.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA, JÚNIOR. E. J.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrirURkaIFIQ98udALz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1699863268/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br%2findex.php%2fageteo%2farticle%2fview%2f14763/RK=2/RS=c_JpK0bBBY45.1rhfegHhNZA1Hg-. Acesso em: 18 out. 2023

RIBEIRO, J. U. **De Itaparica ao Leblon.** 2. ed. Rio de Janeiro: Singular, 2011.

SANTANA FILHO, M. M. de. Por uma Educação Geoliterária: o mundo como livro, o texto como viagem. In: PORTUGAL, J. F. (org.). **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas.** Salvador: EDUFBA, 2020. p. 169-190.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia.** São Paulo: Contexto, 2019.

SOUSA, A. N. A descrição espacial como método e representação da geografia: a imaginação e a representação histórica do espaço. In: RIOS, R. B.; RIOS, K. A. N. (org.). **Diferentes abordagens teóricas-metodológicas na Geografia: contribuição para novos direcionamentos.** São Paulo: Livre Expressão, 2015. p. 19-35.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.



TUAN, Y-F. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 1, p. 4-15, out. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150#:~:text=Em%20seu%20texto%2C%20publicado%20em,regi%C3%A3o%20e%20a%20na%C3%A7%C3%A3o%2Destado>.
Acesso em: 13 jan. 2022.